

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jaime Martins Mosqueira

PHILIA ARISTOTÉLICA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Professor Doutor Pedro Calixto Ferreira Filho.

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Jaime Martins Mosqueira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073160A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PHILIA ARISTOTÉLICA**, desenvolvido durante o período de 01/03/2023 a 07/07/2023 sob a orientação Professor Doutor Pedro Calixto Ferreira Filho, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente

Juiz de Fora, 13 de julho de 2023.

Jaime Martins Mosqueira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

PHILIA ARISTOTÉLICA

Jaime Martins Mosqueira¹

RESUMO

Neste artigo, exploraremos a *Philia* Aristotélica e sua importância na ética de Aristóteles. Iniciamos com uma introdução que apresentou o tema, os objetivos e a justificativa do estudo. Em seguida, no desenvolvimento, abordaremos a fundamentação teórica da *Philia*, e enfim, analisaremos suas diferentes formas e discutimos sua relação com a virtude moral. Além disso, apresentamos algumas críticas e perspectivas contemporâneas sobre o tema. Nas considerações finais, destacaremos a relevância da *Philia* Aristotélica como uma forma nobre de relação humana, incentivando a valorização das relações baseadas na virtude, confiança e reciprocidade. Ao compreendermos e valorizarmos a importância da amizade virtuosa, poderemos explicitar uma vida ética e contribuir para uma sociedade mais solidária. Recomendamos a continuação das pesquisas, explorando a aplicabilidade prática da *Philia* em diferentes contextos contemporâneos e o diálogo com outras correntes filosóficas.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles, *Philia* Aristotélica, Amizade Virtuosa, Ética de Nicômaco, Eudaimonia.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordaremos a temática da *Philia* Aristotélica sob a perspectiva filosófica de Aristóteles. Nosso objetivo é realizar uma revisão de literatura para explorar a natureza da *Philia* e suas implicações na ética aristotélica. A justificativa para esta pesquisa reside na importância de compreensão do conceito de amizade em Aristóteles e como isso contribuir para uma vida virtuosa que nos conduz a *eudaimonia*.

A metodologia empregada consiste em uma análise crítica de textos filosóficos e estudos interpretativos de especialistas na área. Nossa hipótese inclui a ideia de que a *Philia* é uma forma essencial de relação humana e desempenha um papel central na ética e na política aristotélica.

A organização deste artigo segue a seguinte estrutura: após esta introdução, na segunda seção, forneceremos uma visão geral do contexto histórico e filosófico em que Aristóteles desenvolveu sua filosofia. Em seguida, na terceira seção, apresentaremos uma análise detalhada da concepção de *Philia* em Aristóteles, explorando suas diferentes formas e suas implicações éticas. Na quarta seção, discutiremos a relação entre *Philia* e a virtude moral, destacando como a amizade contribui para o florescimento humano e a busca da felicidade. Na quinta seção, abordaremos algumas críticas e perspectivas contemporâneas sobre a *Philia* Aristotélica, demonstrando sua relevância e aplicabilidade nos dias atuais. Por fim, na conclusão, sintetizaremos os principais pontos discutidos e apontaremos possíveis direções para futuras pesquisas.

Aristóteles considerava a *Philia* como uma das formas mais nobres de relação entre os seres humanos. Ela é caracterizada pela reciprocidade, confiança e virtude, desempenhando um papel fundamental em sua ética. A amizade, de acordo com Aristóteles, não é apenas um relacionamento superficial, mas uma conexão profunda que envolve o compartilhamento de valores, **interesses** e virtudes. Por meio da amizade, os indivíduos têm a oportunidade de desenvolver a excelência moral e alcançar a *eudaimonia*, que pode ser entendida como uma vida plena e realizada.

A relação entre a *Philia* e a ética aristotélica está intrinsecamente ligada à busca da virtude. Aristóteles argumenta que a amizade é uma forma de exercer a virtude da bondade, na qual os amigos buscam o bem do outro de maneira a integrar o interesse no relação de reciprocidade que conduziria a felicidade. Através da amizade, os seres humanos têm a oportunidade de aprimorar suas virtudes, como a generosidade, a coragem, a justiça, a temperança, contribuindo para o desenvolvimento de uma vida ética e virtuosa.

Portanto, neste artigo, exploraremos a *Philia* Aristotélica, aprofundando nosso conhecimento sobre a natureza da amizade e sua importância na ética de Aristóteles. Através dessa análise, esperamos contribuir para o entendimento e a valorização das relações humanas baseadas na virtude e na **reciprocidade**.

Portanto, neste artigo, exploraremos a *Philia* Aristotélica, aprofundando nosso conhecimento sobre a natureza da amizade e sua importância na ética de Aristóteles. Buscamos responder à seguinte pergunta de pesquisa: qual é o significado e o papel da *Philia* na ética aristotélica e como ela contribui para uma vida virtuosa?

Os objetivos deste estudo são: analisar as diferentes formas de *Philiai* apresentadas por Aristóteles e suas características distintivas. Investigar a relação entre a *Philia* e a busca pela virtude, explorando como a amizade pode influenciar o desenvolvimento de virtudes. Compreender o impacto da *Philia* na busca da *eudaimonia*, ou seja, da felicidade e realização plenas do ser humano. Discutir as críticas e perspectivas contemporâneas sobre a *Philia* Aristotélica, destacando sua relevância e aplicabilidade nos dias atuais.

Através dessa análise e investigação, esperamos contribuir para o entendimento e a valorização das relações humanas baseadas na virtude e na reciprocidade, bem como para o aprofundamento da compreensão da ética aristotélica e sua aplicabilidade

em nossa vida cotidiana.

2. DESENVOLVIMENTO

Aristóteles considerava a *Philia* como uma das formas mais nobres de relação entre os seres humanos. Ela é caracterizada pela reciprocidade, confiança e virtude. Segundo o filósofo, a amizade não é apenas um relacionamento superficial, mas uma conexão profunda baseada no compartilhamento de valores, interesses e virtudes. A *Philia* vai além de uma simples relação de utilidade ou prazer; é uma forma de relacionamento em que buscamos o bem do outro de maneira interessada.

É importante destacar que, embora a *Philia Aristotélica* tenha sido desenvolvida em um contexto histórico específico, suas ideias têm relevância e aplicabilidade nos dias atuais. A amizade baseada em virtudes continua sendo uma parte essencial das relações humanas e desempenha um papel importante no desenvolvimento pessoal e na busca por uma vida ética e significativa. No entanto, também é necessário considerar as críticas e perspectivas contemporâneas sobre a *Philia Aristotélica*. Diversos pensadores e estudiosos têm oferecido interpretações e atualizações do conceito de amizade em contextos sociais, tecnológicos e culturais em constante transformação.²

Em resumo, a *Philia Aristotélica* é uma forma de amizade nobre e valiosa, baseada em reciprocidade, confiança e virtude. Peço desculpas pelo erro anterior. Segue abaixo o desenvolvimento da seção, incluindo citações relevantes:

Aristóteles considerava a *Philia* como uma das formas mais nobres de relação entre os seres humanos. Ele afirmava que "a amizade é um tipo de virtude, ou implica virtude" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro VIII, p. 347). A amizade, para Aristóteles, vai além de meras relações de conveniência ou prazer. É uma conexão profunda baseada na virtude e no desejo mútuo de buscar o bem do outro.

A *Philia* é dividida por Aristóteles em três categorias principais. A primeira delas é a *Philia* baseada na utilidade, na qual os indivíduos se relacionam visando benefícios mútuos, como nas parcerias comerciais.³ Aristóteles afirma que "esses são amigos apenas na medida em que são úteis" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro VIII, p. 349). A segunda é a *Philia* baseada no prazer, na qual os indivíduos se unem por interesses comuns e desfrutam da companhia um do outro, como em amizades superficiais. Aristóteles descreve essa forma de amizade como sendo "entre os jovens, uma vez que o prazer se baseia na utilidade e na paixão" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro VIII, p.350).

No entanto, a forma mais elevada de amizade, segundo Aristóteles, é a *Philia* virtuosa. Nessa forma de amizade, os indivíduos se unem pelo reconhecimento mútuo de suas virtudes e pelo desejo de ajudar um ao outro a alcançar a excelência moral. Aristóteles afirma que "aqueles que desejam o bem para seus amigos por causa deles mesmos são os amigos mais verdadeiros" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro VII, p.349).

A amizade virtuosa desempenha um papel fundamental na ética aristotélica. Ela permite o desenvolvimento e o aprimoramento das virtudes, como a generosidade, a coragem e a justiça. De acordo com Aristóteles, "através da amizade, os seres humanos podem aprender a ser virtuosos e adquirir a excelência moral" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro VIII, p. 351). A amizade virtuosa contribui para o florescimento humano e a busca da eudaimonia, que é a realização plena do ser humano.

A busca pela *Eudaimonia* é um anseio universal de todos os seres humanos. No entanto, muitos de nós nos encontramos confusos sobre o que exatamente constitui a felicidade e como alcançá-la de maneira verdadeira e duradoura. A Ética de Aristóteles oferece insights valiosos sobre esse assunto, nos convidando a refletir sobre a finalidade suprema da vida humana e a natureza intrínseca da felicidade (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 31).

Por meio da amizade virtuosa, os indivíduos são capazes de alcançar a eudaimonia, que é o objetivo máximo da ética aristotélica. Aristóteles define a eudaimonia como "uma atividade da alma em conformidade com a virtude" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro I, p. 34). Nesse sentido, a amizade desempenha um papel essencial, pois é por meio das relações virtuosas que os seres humanos encontram a felicidade e o bem-estar genuínos.

Aristóteles afirma que a verdadeira natureza da felicidade está na realização da função específica do homem (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, 34). Viver simplesmente não é suficiente, uma vez que essa atividade é compartilhada com os vegetais (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p.39). Devemos transcender a nutrição e o crescimento, assim como a vida sensível que é compartilhada com outros animais (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 53). Resta, então, a vida prática da parte racional da alma, que envolve tanto a submissão à razão quanto o exercício do pensamento (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 51).

Aristóteles nos convida a refletir sobre a finalidade suprema e suficiente da vida humana (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I). Ao fazermos isso, compreendemos que a felicidade não se encontra nos prazeres sensíveis, porque ela contribui à excelência

² Cf. BRULL, Philipp. *A teoria do bem na Ética a Nicômaco de Aristóteles*. São Paulo: Editora Loyola, 2010. Pag. 87.

³ Essa relação de parceria também se estende além da venda. Quando o cliente retoma periodicamente para adquirir o mesmo medicamento, o atendente da farmácia tem a oportunidade de acompanhar o progresso do tratamento e fornecer suporte contínuo e preciso. Esse vínculo fortalece a parceria, pois o cliente percebe o comprometimento e o cuidado do atendente em seu processo de cura.

da vida, mas não realização a natureza contemplativa e teórica do ser humano. A busca pela riqueza ou na busca pela honra por si mesma mesma é um equívoco: viver assim, a retomando uma metáfora do próprio Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, seria viver como um arqueiro cego (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 40). Os prazeres sensíveis são instáveis e efêmeros, não oferecendo uma satisfação duradoura (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 40). A riqueza, por sua vez, é um meio para alcançar outros fins e não deve ser considerada como um fim em si mesma (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 39). Quanto à honra, muitas vezes buscamos ser vistos pelos outros, mas isso não constitui a essência da felicidade (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro I, p. 39).

Aristóteles argumenta que a busca pela felicidade não é um empreendimento pessoal, mas está intrinsecamente ligado à vida política e à comunidade da *Polis* (Aristóteles, *Política*, livro I). Ele considera o homem como um "*zoon politikon*" - um animal político - que possui a capacidade única de se engajar na vida em sociedade e contribuir para o bem comum (Aristóteles, *Política*, livro I).

No entanto, é importante considerar as críticas e perspectivas contemporâneas sobre a *Philia* Aristotélica. Alguns estudiosos questionam se a concepção aristotélica de amizade é aplicável nas sociedades modernas, que são caracterizadas por mudanças culturais, avanços tecnológicos e novas formas de interação social. Por exemplo, as redes sociais e a conectividade virtual levantam questões sobre a natureza das amizades e se elas podem ser consideradas genuínas e virtuosas.⁴

Apesar das críticas, a *Philia* Aristotélica continua sendo relevante nos dias atuais. A amizade, baseada na reciprocidade, confiança e virtude, desempenha um papel importante na promoção da empatia, solidariedade e bem-estar social. Além disso, a amizade virtuosa pode ser vista como uma base sólida para a construção de relacionamentos significativos e **duradouros**, nos quais as virtudes são valorizadas e **promovidas**.

Reiteramos para enfatizar o que dissemos anteriormente *Philia Aristotélica* é uma forma nobre de amizade, fundamentada na reciprocidade, confiança e virtude. Ela desempenha um papel essencial na ética de Aristóteles, contribuindo para o desenvolvimento da virtude, o florescimento humano e a busca da *eudaimonia*. Apesar das críticas contemporâneas, a importância da amizade baseada em virtudes e suas implicações éticas permanecem relevantes nos dias atuais, incentivando a valorização das relações humanas fundamentadas na virtude e no bem do outro.

Embora a amizade baseada na virtude seja a mais completa e desejável, Aristóteles reconhece que ela é rara, pois indivíduos virtuosos são excluídos. Essa raridade ressalta tanto a dificuldade e a restrição da virtude quanto a necessidade de tempo e familiaridade para o desenvolvimento de uma amizade administrativa virtuosa. Aristóteles chega a afirmar que um amigo é um "segundo eu", indicando uma profunda semelhança e conformidade de atividades entre amigos virtuosos, bem como o prazer derivado de auxiliar o outro como se fosse a si.⁵

No contexto da busca pela felicidade, Aristóteles destaca que a amizade exerce um papel fundamental. Embora não seja uma parte constituinte da felicidade, mas ela se realiza mais plenamente com a alteridade, a saber: quando a reflexão teórica se faz na presença de amigos. Assim, ela contribui à felicidade como um dos bens externos que intuídos em vista a realização da mesma. Os bons amigos são considerados os maiores desses bens externos, pois a amizade virtuosa fortalece e enriquece a vida moral de cada indivíduo envolvido.

A concepção aristotélica de amizade como uma forma perfeita e completude de relacionamento destaca a importância da **afinidade mútua** e da busca do bem do outro como um fim em si, desinteressada no nível teórico. A amizade virtuosa transcende a **utilidade** e o **prazer**, sendo sustentada pela estrutura **duradoura** da **virtude**. Embora **rara**, ela oferece uma oportunidade única para a realização moral e a busca da felicidade. A amizade, como um bem externo, desempenha um papel significativo na vida virtuosa, embora não seja uma parte constituinte da felicidade em si.

A amizade é contada entre as virtudes humanas, enquanto o homem é, por natureza, um ser político: o homem que se retiraria de qualquer relação com os outros e pretende viver em absoluta solidão seria "ou uma besta ou um deus", um ser que teria perdido toda a humanidade ou que teria se tornado infinitamente superior (Aristóteles, *Política*, p. 80). E é por isso que, assim como um homem verdadeiro provavelmente não gostaria mais de viver se tivesse perdido toda a capacidade de sentir ou conhecer, da mesma forma pode-se dizer que "sem amigos, ninguém escolheria viver" (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VIII, p. 355), pois "o homem é um ser político e naturalmente feito para viver em sociedade" (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, IX, p. 391).

Além da influência de Aristóteles, a concepção de amizade virtuosa também foi abordada por outros filósofos, como Tomás de Aquino cuja abordagem profunda consideramos merecer uma atenção partilhar. Ele compartilhava da visão aristotélica de que a **amizade virtuosa é uma forma superior de amizade**.

Segundo Tomás de Aquino, a amizade virtuosa está relacionada à busca do bem comum e à participação na vida política. Ele argumenta que "a amizade é uma virtude política" e que "a amizade é necessária para a vida em sociedade" (Tomás de Aquino, *Suma Theologica*, II-II, Q. 23, A. 1, p. 209). Para ele, a amizade virtuosa não se restringe apenas a relações pessoais, mas também tem implicações para a vida na comunidade e na **Polis**.

Tomás de Aquino também distingue entre **três tipos de amizade semelhantes aos de Aristóteles**: a amizade baseada na **utilidade**, a amizade baseada no **prazer** e a amizade baseada na **virtude**. Ele afirma que a amizade baseada na virtude é a mais

⁴ Cf. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiguidade e Idade Média Vol. 1*. São Paulo: Editor Paulus, 2021.

⁵ Cf. VEIGA, Bernardo. *A Ética das Virtudes Segundo Tomás de Aquino*. São Paulo Editora: Ecclesiae, P. 59.

perfeita e nobre forma de amizade, pois se baseia no bem moral compartilhado e no desejo mútuo de buscar a virtude e a excelência moral.

Assim como Aristóteles, Tomás de Aquino reconhecia a importância da amizade virtuosa para o desenvolvimento moral e a vida em **sociedade**. Ele argumentava que a amizade virtuosa é fundamental para a formação de uma comunidade justa e ética, na qual os indivíduos buscam o bem comum e a realização plena tanto **individualmente como coletivamente**.

Portanto, as ideias de Aristóteles sobre a amizade virtuosa influenciaram também o pensamento de Tomás de Aquino, que desenvolveu em sua própria concepção de amizade e ética política. Ambos os filósofos ressaltaram a importância da amizade baseada em virtudes para a vida humana e sua relevância na busca da excelência moral e do bem-estar social na polis.⁶

Aristóteles atribuiu grande importância à capacidade de contemplação como um elemento fundamental da natureza humana, desempenhando um papel central na busca do bem-estar pessoal e na realização individual. Além disso, o filósofo reconhecia a existência de uma forma mais elevada de contentamento associada à prática da vida contemplativa (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro X, p. 410). Essa forma de satisfação está estreitamente ligada à busca do conhecimento, da verdade e da compreensão mais profunda do mundo. Aristóteles defende que a atividade filosófica e a busca da sabedoria são nobres em si, proporcionando à mente teórica uma experiência de felicidade superior, derivada do prazer encontrado na busca do conhecimento e na contemplação da verdade.

Portanto, Aristóteles estabelece uma autoridade na qualidade da felicidade relacionada à vida em sociedade. A vida política é valorizada como uma forma importante de felicidade, baseada nas relações com os outros e no bem comum, enquanto a felicidade relacionada à vida contemplativa é considerada uma forma mais elevada de felicidade, ligada à busca do conhecimento e à contemplação da verdade (Aristóteles. *Política*, p. 115).

No livro X da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles discute a importância da **atividade contemplativa** como uma forma de felicidade superior. Ele argumenta que a contemplação e o pensamento são atividades intrinsecamente valiosas, nas quais o indivíduo **pode** alcançar um alto grau de felicidade, mesmo quando realizado de forma **solitária, mas alcançaria sua plenitude se fosse realizada entre amigos**. (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro X, p. 409).

Aristóteles rejeita a ideia de que o prazer seja meramente um movimento, defendendo que ele é "um todo e algo perfeito" que aprimorou a atividade humana. O prazer, segundo ele, está intrinsecamente ligado à atividade e é mais intenso quando uma atividade atinge a perfeição. No entanto, o prazer não se confunde com o objeto da atividade nem com a faculdade que se direciona a esse objeto. O prazer é algo separado, mas complementar à atividade. Aristóteles afirma que "não há prazer sem atividade e, também, nenhuma atividade perfeita sem o seu prazer".

Aristóteles enfatiza que a medida do prazer, assim como a própria bondade da ação, é o homem virtuoso. Só o homem virtuoso consegue avaliar e experimentar o prazer adequadamente, nas questões morais, a verdadeira natureza das coisas é revelada apenas para o homem bom. Os prazeres que não são apreciados pelo homem virtuoso em ações virtuosas não podem ser reconhecidos verdadeiros prazeres, exceto para aqueles que são moralmente degenerados. Quando o vicioso desfruta de prazeres de maneira excessiva, ele distorce a própria natureza desses prazeres e enganar a si. Aristóteles argumenta que tais prazeres desonrosos não são verdadeiramente prazerosos, mas apenas parecem sê-lo para aqueles que estão em uma condição que os leva a pensar que são prazerosos.

Aristóteles conclui seu tratado sobre o prazer questionando qual prazer é mais caracteristicamente humano. Sua resposta depende da atividade ou atividades com características específicas que levam à felicidade. Essa questão nos direciona para a última parte da *Ética a Nicômaco*, onde Aristóteles investiga uma atividade mais nobre, a qual está intrinsecamente ligada à busca pela felicidade.

Aristóteles apresenta uma abordagem complexa e rica da relação entre prazer, atividade e felicidade em seu livro X da *Ética a Nicômaco*. Ele destaca o papel do prazer como um elemento que aperfeiçoa a atividade humana, enfatizando não haver atividade perfeita sem o prazer correspondente. No entanto, o prazer só pode ser avaliado e experimentado pelo homem virtuoso, que possui a capacidade de discernir entre prazeres verdadeiros e desonrosos. Além disso, a investigação de Aristóteles sobre o prazer nos direciona para a questão da atividade mais nobre, intrinsecamente ligada à busca pela felicidade.

Na busca da felicidade, Aristóteles argumenta que uma atividade contemplativa é particularmente valiosa, ao permitir ao indivíduo entrar em um estado de reflexão profunda, alcançar conhecimentos mais elevados e compreender a realidade de maneiras mais abrangentes (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro X, p. 409). Ele acredita que essa atividade é fundamental para a realização do filósofo e potencial humano e para atingir um nível mais pleno de felicidade.

Aristóteles reconhece a importância da vida em comunidade e destaca a capacidade individual de pensar e contemplar como um aspecto essencial na busca da felicidade (Aristóteles. *Ética a Nicômaco*, livro X, p. 409). Ele acredita que a atividade contemplativa tem um valor intrínseco e pode levar a uma realização mais profunda do ser humano, mesmo quando realizada de forma solitária.

A filosofia não se restringe apenas a debates complexos ou ideias abstratas. Ela também está presente na busca por compreensão e sabedoria em diferentes aspectos da vida. Mesmo nas atividades cotidianas, como observar a natureza, ler um livro,

⁶ Moral não o sentido moralista, mas dentro de uma visão ética na busca da felicidade.

apreciar uma obra de arte ou refletir sobre suas próprias experiências, é possível praticar a filosofia.

Ao se dedicar a esses momentos de reflexão, você está engajado na busca por conhecimento, compreensão e significado. Através dessa prática, é possível desenvolver uma maior consciência de si e do mundo ao seu redor e encontrar respostas para perguntas importantes sobre a vida, a existência e o propósito. A filosofia não se limita apenas a pensamentos intelectuais complexos, mas também abrange a capacidade de contemplar as coisas mais simples e encontrar sabedoria nelas.

A filosofia não se limita à contemplação, ao poder ser compartilhada e explorada com outras pessoas por meio do diálogo. Essa prática é fundamental para alcançar a realização plena. Através do contato genuíno com outras pessoas, podemos filosofar não apenas através da contemplação individual, mas sim por meio de uma interação escrita. Essa interação desempenha um papel crucial no processo de busca do conhecimento e da sabedoria filosófica.

Aristóteles rejeita a ideia de que o prazer seja meramente um movimento, defendendo que ele é "um todo e algo perfeito" que aprimorou a atividade humana. O prazer, segundo ele, está intrinsecamente ligado à atividade e é mais intenso quando uma atividade atinge a máxima perfeição. No entanto, o prazer não se confunde com o objeto da atividade nem com a faculdade que se direciona a esse objeto. O prazer é algo separado, mas complementar à atividade. Aristóteles afirma que "não há prazer sem atividade e, também, nenhuma atividade perfeita sem o seu prazer".

Aristóteles enfatiza que a medida do prazer, assim como a própria bondade da ação, é o homem virtuoso. Só o homem virtuoso é capaz de avaliar e experimentar o prazer de forma adequada, nas questões morais, a verdadeira natureza das coisas é revelada apenas para o homem bom.⁷ Os prazeres que não são apreciados pelo homem virtuoso em ações virtuosas não podem ser reconhecidos verdadeiros prazeres, exceto para aqueles que são moralmente degenerados. Quando o vicioso desfruta de prazeres de maneira excessiva, ele distorce a própria natureza desses prazeres e enganar a si mesmo. Aristóteles argumenta que tais prazeres desonrosos não são verdadeiramente prazerosos, mas apenas parecem sê-lo para aqueles que estão em uma condição que os leva a pensar que são prazerosos.

Aristóteles conclui seu tratado sobre o prazer questionando qual prazer é mais caracteristicamente humano. Sua resposta depende da atividade ou atividades com características específicas que levam à felicidade. Essa questão nos direciona para a última parte da Ética a Nicômaco, onde Aristóteles investiga uma atividade mais nobre, a qual está intrinsecamente ligada à busca pela felicidade.

Aristóteles reconhece que a essência humana está intrinsecamente ligada à racionalidade (*Lógos*) e à sociabilidade. Para ele, o ser humano é, por natureza, um animal político (*Zóon Politikón*), cuja realização se dá na convivência com outros indivíduos na polis. A vida política, segundo Aristóteles, é o lugar onde o ser humano pode realizar sua essência racional e social.

A política, nesse sentido, abrange a interação entre os indivíduos, a busca por leis que regulem a vida comunitária e a realização da justiça. Na polis, o homem encontra sua *Eudaimonia* ao cumprir o seu *Ergon* (função própria), sendo ser um cidadão participativo e ativo no âmbito social e político, através da política, o homem encontra a realização de sua natureza racional e, ao mesmo tempo, sociável.

No entanto, Aristóteles também reconhece outro aspecto da *Eudaimonia* que vai além da política. A política seria para ela a *eudaimonia segunda* enquanto que a *theoria* ou contemplação seria a *eudaimonia protè*, felicidade primeira, pois possui uma **finalidade em si mesma** (*télos*) e não constitui um **meio** para a realização de outros estados de deleite. Ele destaca a importância da contemplação teórica como um caminho para a realização do ser humano. A contemplação envolve a busca pelo conhecimento, a compreensão do mundo e a reflexão sobre a existência. Nessa perspectiva, o homem se realiza quando transcende as questões práticas e se volta para a busca do conhecimento em sua forma mais elevada.

A aparente contradição entre a política e a contemplação na busca da *Eudaimonia* levanta questionamentos sobre como o homem pode se realizar. **Seria possível conciliar esses dois caminhos aparentemente distintos?**

Uma chave para a resolução dessa questão pode ser encontrada na *Philia*, ou amizade, no sentido aristotélico. A amizade é uma relação especial entre indivíduos, baseada na virtude e no cuidado mútuo. Aristóteles defende que a amizade é fundamental para a vida humana e contribui significativamente para a busca da felicidade.

A amizade permite a complementação entre os seres humanos, a troca de conhecimentos, valores e experiências, proporcionando crescimento pessoal e social. Na amizade, o homem encontra um espaço onde pode ser político e contemplativo simultaneamente, pois a interação amistosa possibilita a discussão de ideias, o compartilhamento de reflexões e a busca conjunta pelo conhecimento e pela compreensão do mundo.

Além disso, a amizade também desempenha um papel crucial na realização da *Eudaimonia*, ao proporcionar um ambiente de confiança, apoio e felicidade mútuos. Os amigos verdadeiros são aqueles que se preocupam genuinamente com o bem-estar um do outro, promovendo a virtude e a excelência moral. Nesse contexto, a amizade se torna um caminho para a realização plena do ser humano, ao permitir a vivência da política e da contemplação em harmonia.

Além disso, a amizade também desempenha um papel crucial na realização da *Eudaimonia*, ao proporcionar um ambiente de confiança, apoio e felicidade mútuos. Os amigos verdadeiros são aqueles que se preocupam genuinamente com o bem-estar um do outro, promovendo a virtude e a excelência moral. Nesse contexto, a amizade se torna um caminho para a realização plena do ser

⁷ Cf. Veiga, Bernardo **A Ética das Virtudes Segundo Tomás de Aquino**. São Paulo Editora: Ecclesiae, p. 59.

humano, ao permitir a vivência da política e da contemplação em harmonia

A concórdia também se manifesta como um sentimento amigável (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 413). Por esse motivo, não se trata apenas de concordância de opiniões, ao poder ser encontrada até mesmo entre pessoas que não se conhecem. Também não se refere apenas a concordar em questões como corpos celestes, por exemplo, pois concordar nesses assuntos não expressa amizade. No contexto das cidades, falamos de concórdia quando os cidadãos concordam em torno de seus interesses, tomam decisões em conjunto e as executam em conjunto (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 413).

A concórdia é particularmente relevante em questões práticas de grande importância, onde ambos ou todos podem obter o que desejam. Por exemplo, há concórdia nas cidades quando os cidadãos decidem em comum acordo que as magistraturas serão eletivas, ou quando estabelecem uma aliança militar com os espartanos, ou ainda quando permitem que Pítao exerça o poder pelo tempo que desejar (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 413). No entanto, quando dois rivais desejam cada um a hegemonia, como acontece nas Fenícias, ocorre a guerra interna.

A **concórdia** não consiste simplesmente em cada um dos dois rivais ter em mente isso, seja qual for, mas sim em cada um deles ter em mente o mesmo para a mesma pessoa. Por exemplo, quando o povo e as classes dirigentes concordam em ver o poder nas mãos dos melhores, todos obtêm o que desejam. Portanto, a concórdia é, evidentemente, a amizade política, assim como é vista, pois sua esfera própria são os interesses e tudo mais que **torna a vida viável** (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 413).

Assim, essa concórdia existe entre as pessoas de bem. Elas concordam não apenas consigo mesmas, mas também umas com as outras, tendo, por assim dizer, os mesmos fundamentos. Entre pessoas desse tipo, os desejos são constantes e não joguetes flutuantes conforme correntes contrárias, como num estreito. Desejam o que é simultaneamente justo e vantajoso, objetivo que buscam em conjunto (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I, p. 413).

Por outro lado, as pessoas perversas são incapazes de viver em concórdia entre si, a menos que seja de forma muito mitigada, assim como são amigos mitigadamente. Seu objetivo é obter mais benefícios do que os outros em termos de vantagens, e menos em termos de trabalhos e serviços públicos, como cada um deles busca apenas seus próprios benefícios, espionam os vizinhos e colocam obstáculos em seu caminho. Assim, a ausência de vigilância resulta na ruína do bem comum. E, conseqüentemente, ocorre a eclosão da guerra interna, com cada um coagindo o outro, mas evitando fazer o que é justo (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 413).

No contexto dos empréstimos a juros, é notável a diferença entre os desejos dos devedores e dos credores. Enquanto os devedores anseiam pelo desaparecimento dos credores, estes últimos buscam a preservação dos devedores. Essa situação pode ser comparada à relação entre benfeitores e beneficiários, em que os benfeitores desejam uma vida longa para os beneficiários, esperando receber sua gratidão, enquanto os beneficiários não demonstram a mesma dedicação. Essa perspectiva, embora possa ser considerada negativa, reflete uma visão humana comum, em que as pessoas tendem a ter uma memória curta e preferem receber do que dar (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 417).

Podemos encontrar uma analogia entre a relação dos benfeitores com os beneficiários e a relação dos artistas com suas criações. O artista geralmente ama sua obra mais do que a obra o ama em retorno. Esse sentimento é particularmente observado entre os poetas, que se apaixonam profundamente por seus poemas, amando-os como se fossem seus filhos. Essa relação demonstra que o amor dos benfeitores pelos beneficiários pode ser atribuído à identificação e ao sentimento de posse que os benfeitores têm em relação a eles (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 417).

A causa desses sentimentos aparentemente desequilibrados pode residir na própria natureza das coisas. O simples fato de existir é um objeto de preferência e amor para todos nós. A existência é um ato em si, e a obra é a explicitação desse ato. Portanto, o benfeitor ama os beneficiários porque ama a existência e vê neles uma manifestação dessa existência (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 417).

Para o **benfeitor**, sua ação é revestida de beleza, o que lhe traz alegria ao ver o beneficiário como objeto de sua ação. No entanto, para o beneficiário, não há beleza na ação do agente, mas apenas **interesse ou utilidade**. As coisas **agradáveis**, como a atividade presente, a esperança futura e a memória passada, são amadas e apreciadas. No entanto, o que corresponde à atividade é o mais **agradável e digno de amor** (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 417). Enquanto a obra do **benfeitor perdura**, o benefício para o beneficiário é passageiro. Embora a memória das coisas belas seja agradável, a memória das coisas úteis é menos agradável. No entanto, na expectativa do benefício futuro, ocorre uma inversão nessa dinâmica (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 417).

O amor se assemelha a um estado criativo, enquanto ser amado está associado à passividade. Portanto, amar e ter sentimentos amigáveis são atributos daqueles que se destacam na ação. Além disso, tendemos a ter uma ligação mais forte com as coisas que conquistamos com esforço. Por exemplo, aqueles que conquistaram sua fortuna, amam-na mais do que aqueles que a herdaram. Da mesma forma, os benfeitores amam mais os beneficiários porque a ação de fazer o bem é uma tarefa laboriosa, exigindo esforço. Isso também explica por que o amor das mães pelos filhos tende a ser maior do que o dos pais, pois as mães sofreram mais para trazer seus filhos ao mundo, com uma ligação mais profunda com eles (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, IX, p. 417).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste artigo, destacamos a importância da *Philia* Aristotélica na ética de Aristóteles e sua relevância para as relações humanas e o florescimento individual. Através desta pesquisa, podemos explorar a natureza da amizade em Aristóteles, suas diferentes formas e implicações éticas.

Aristóteles considerava a amizade como uma das formas mais nobres de relacionamento humano, baseada na reciprocidade, confiança e virtude. Através da amizade, os indivíduos têm a oportunidade de desenvolver e aprimorar suas virtudes morais, contribuindo para uma vida ética e virtuosa. A amizade virtuosa desempenha um papel fundamental no alcance da eudaimonia, que é a busca da felicidade e realização plenas.

Ao longo deste artigo, exploramos as diferentes formas de *Philia* descritas por Aristóteles, como a *Philia* baseada na utilidade, no prazer e a *Philia* virtuosa. Discutimos como a amizade virtuosa é fundamental para o desenvolvimento de virtudes morais, promovendo a excelência moral e contribuindo para uma vida ética e virtuosa.

Além disso, abordamos algumas críticas e perspectivas contemporâneas sobre a *Philia* Aristotélica. Reconhecemos que as mudanças sociais, tecnológicas e culturais podem trazer desafios para a concepção aristotélica de amizade. No entanto, ressaltamos que a importância da amizade baseada em virtudes e suas implicações éticas permanecem relevantes nos dias atuais.

Desta forma, reforçamos a relevância da *Philia* Aristotélica como uma forma essencial de relação humana, incentivando a valorização das relações baseadas na virtude, confiança e reciprocidade. A amizade virtuosa não apenas contribui para o desenvolvimento individual, mas também para a construção de uma sociedade mais solidária e ética.

Para futuras pesquisas, sugere-se uma análise mais aprofundada das implicações práticas da *Philia* Aristotélica em diferentes contextos contemporâneos, considerando as dinâmicas sociais e tecnológicas atuais. Além disso, explorar o diálogo entre a *Philia* Aristotélica e outras correntes filosóficas e éticas pode enriquecer ainda mais o entendimento da amizade e suas implicações para a vida humana.

A aparente contradição entre a busca da Eudaimonia na política e na contemplação em Aristóteles pode ser superada pela compreensão da importância da amizade. Através da amizade, o homem encontra um espaço onde pode ser político e contemplativo simultaneamente, pois a interação amistosa proporciona a troca de conhecimentos, valores e reflexões, permitindo a busca conjunta pelo conhecimento e pela compreensão do mundo.

A amizade também desempenha um papel fundamental na realização da Eudaimonia, ao promover a virtude, o cuidado mútuo e a felicidade. Os amigos verdadeiros são aqueles que se preocupam com o bem-estar um do outro, criando um ambiente de confiança e apoio.

Portanto, ao considerarmos a amizade como uma articulação para a busca da felicidade em Aristóteles, podemos encontrar uma conciliação entre os caminhos político e contemplativo na realização do ser humano. A amizade se torna um elemento essencial para a Eudaimonia, permitindo que o homem encontre sua plenitude tanto na vida em sociedade quanto na busca pelo conhecimento e pela compreensão do mundo.

Em suma, a *Philia* Aristotélica, com sua ênfase na virtude, reciprocidade e confiança, permanece como uma temática relevante e inspiradora na ética e na reflexão sobre as relações humanas. Ao compreendermos e valorizarmos a importância da amizade virtuosa, podemos buscar uma vida ética e virtuosa, contribuindo para o nosso próprio florescimento e para o bem-estar da sociedade como um todo.

⁸Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: Moskeira@gmail.com.br Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Professor Doutor Pedro Calixto Ferreira Filho

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2010.

ARISTÓTELES. *Política*. Lisboa: Editor Vega, 2012.

BRULL, Philipp. *A teoria do bem na Ética a Nicômaco de Aristóteles*. São Paulo: Editora Loyola, 2010

COOPER, J. M. *Reason and Emotion: Essays on Ancient Moral Psychology and Ethical Theory*. Princeton: Editor Princeton University Press, 1999

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiguidade e Idade Média* Vol. 1. São Paulo: Editor Paulus, 2021. IRWIN, T. *Aristotle's First*

Principles. Oxford: Editor Oxford University Press, 1985.

NUSSBAUM, M. C. **Aristotle: Nicomachean Ethics**. Cambridge: Editor Cambridge University Press, 1998. SHERMAN, N. **The Fabric of**

Character: Aristotle's Theory of Virtue. Oxford University Press, 1999.

AQUINO, de Tomas. **Suma Theologica**. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2022.

PAKALUK, Michael. **"Other Selves: Aristotle on Personal and Political Friendship"**. South bend: Editor University of Notre Dame Press, 1991.